



SÉRIE SEA BREEZE,
da autora do best-seller
PAIXÃO SEM LIMITES

sem escolha ABBI GLINES

Se eu soubesse quem ela era quando a conheci, teria feito alguma diferença? Sinceramente, não sei. No instante em que Willow Foster entrou na minha vida, tudo mudou. Embora minha família estivesse se desintegrando, ela continuou sendo minha essência, meu cerne. Então tudo o que ela era veio à tona, tornando-se o meu maior pesadelo. Eu não podia ficar com tudo. Eu precisava escolher: Willow ou minha família. Não havia alternativa.

Capítulo 1

MARCUS

Voltar para casa era uma droga. Tudo nessa cidade me lembrava por que eu havia ido embora. Eu tinha uma vida em Tuscaloosa e precisava daquilo para fugir. Aqui, eu era Marcus Hardy. Não importava para onde eu fosse, as pessoas me conheciam. Conheciam a minha família. E agora... estavam falando sobre a minha família. Era por isso que eu tive que voltar. Deixar minha irmã e minha mãe para encarar tudo sozinhas estava fora de cogitação. O escândalo que pairava sobre nossas cabeças me deixou sem qualquer opção e sem a minha liberdade. No momento, pouca gente sabia, mas era só uma questão de tempo. Logo, toda a cidade litorânea de Sea Breeze, Alabama, saberia o que meu pai estava fazendo – ou melhor, com *quem* ele estava fazendo. Ser eleito o rei das revendas de carros Mercedes na Costa do Golfo fora o bastante para uma vadiazinha interesseira poucos anos mais velha do que eu se atirar na cama com meu querido e velho pai.

Na única vez em que vi a destruidora de lares trabalhando, soube que algo não estava certo. Ela era jovem, extremamente gostosa e parecia faminta por dinheiro.

Meu pai não conseguiu manter as calças no lugar, e agora minha mãe e minha irmã teriam que lidar com o estigma gerado pelas atitudes dele. As pessoas sentiriam pena da minha mãe. Isso já estava sendo devastador, e ela sequer sabia como era jovem a outra mulher. Minha irmã mais nova, Amanda, os flagrara tarde da noite no dia em que minha mãe lhe pedira que levasse o jantar para meu pai no escritório. Naquela noite, ela

me ligou chorando histericamente. Saí da faculdade, fiz as malas e segui para casa. Não havia opção. Minha família precisava de mim.

Uma batida à porta me distraiu desses pensamentos e eu fui dar uma olhada para ver qual das garotas estava ali procurando por Cage desta vez. O cara tinha uma lista interminável de mulheres desfilando na vida dele. Meu novo colega de quarto era um galinha e tanto. Perto dele, meu melhor amigo, Preston, passava vergonha. Girei a maçaneta e abri a porta sem espiar pelo olho mágico.

Fui pego desprevenido. Eu estava preparado para dar de cara com uma garota alta e magra de peitos grandes mas evidentemente falsos, vestindo quase nada. Já ia dizer que Cage estava ocupado com outra muito parecida com ela. Só que, à minha frente, havia uma ruiva bastante natural. Olhos avermelhados em um rosto molhado de lágrimas me encararam. Não havia marcas de rímel borrado. Os cabelos dela estavam presos em um rabo de cavalo. Ela usava uma calça jeans e o que parecia ser uma legítima camiseta da turnê Back in Black do AC/DC. Não havia umbigo à mostra em sua barriga lisa e bronzeada, e suas roupas não eram coladas ao corpo. Bom, talvez a calça fosse um pouco justa, marcando bem os quadris. Mas minha apreciação das pernas dela foi interrompida quando percebi a mala pequena detonada que ela segurava.

– Cage está?

A voz da garota parecia ao mesmo tempo triste e musical. Eu estava tendo dificuldade para digerir o fato de que aquela garota estava ali atrás de Cage. Ela não fazia nem um pouco o tipo dele. Tudo, dos cabelos espessos cor de cobre aos tênis All Star, berrava “não é o tipo de Cage”. E o fato de que ela estava carregando uma mala... Bem, isso não era nada bom.

– Ahn, hum, não.

Ela deixou os ombros caírem e soltou mais um soluço. Sua mãozinha pequena e delicada se moveu em uma tentativa de abafar o som de evidente aflição. Até as unhas dela tinham classe. Não eram compridas demais e tinham uma ponta suave e arredondada, pintadas de esmalte rosa-claro.

– Eu deixei meu celular na casa da minha irmã. – Ela soltou um suspiro antes de continuar: – Preciso ligar para ele. Posso entrar?

Cage saía com uma modelo que aparentemente sentia atração por jogadores de beisebol universitário. Pela forma como ele havia me contado isso, eu sabia que não pretendia voltar naquela noite. Ele jamais atenderia a ligação dela, e eu detestaria vê-la ainda mais chateada.

Uma coisa horrível passou pela minha cabeça. Será que ele tinha engravidado aquela garota? Será que ele não via quanto ela era inocente?

– Claro, mas não sei se ele vai atender. Ele está ocupado... esta noite.

Ela me deu um sorriso amargurado e assentiu, passando por mim.

– Sei o tipo de ocupação dele, mas Cage vai falar comigo.

Ela parecia confiante. Eu mesmo não me sentia tão confiante assim.

– Você tem um celular que eu possa usar?

Enfiei a mão no bolso da calça jeans e passei o aparelho para ela, sem discutir. Ela havia parado de chorar, e eu queria manter as coisas assim.

– Obrigada. Vou tentar ligar primeiro.

Observei enquanto ela ia até o sofá e largava a mala no chão com força antes de afundar desanimada nas almofadas gastas, como se tivesse estado ali centenas de vezes. Já que eu havia chegado ali fazia apenas dois dias, não tinha como saber se ela estivera ali antes ou não. Cage era o amigo de um amigo e estava atrás de alguém para dividir o apartamento. Eu precisava de algum lugar para passar um tempo, e o lugar era legal. Preston estava no mesmo time de beisebol de Cage na faculdade comunitária local. Quando soube que eu precisava de um lugar para morar, ligou para Cage e nos colocou em contato.

– Sou eu. Deixei meu telefone quando saí. Você não está aqui, mas seu novo colega me deixou entrar. Me liga.

Ela fungou, e então desligou. Fiquei olhando, fascinado, enquanto ela digitava uma mensagem de texto. A garota realmente acreditava que o mulherengo com quem eu morava ia ligar para ela assim que recebesse sua mensagem. Eu estava intrigado e ficando mais preocupado a cada minuto.

Ela terminou e me devolveu o telefone. Um sorriso aflorou em seu rosto avermelhado, e duas covinhas surgiram em suas bochechas. Caramba, que coisa linda.

– Obrigada. Você se importa se eu esperar um pouco até ele ligar de volta?

Balancei a cabeça.

– Não, de jeito nenhum. Quer beber alguma coisa?

Ela se levantou.

– Sim, mas eu pego. Minhas bebidas estão na gaveta de baixo da geladeira, atrás das Bud Lights.

Franzi o cenho e a acompanhei até a cozinha. Ela abriu a geladeira e se abaixou para pegar sua bebida escondida. Quando se curvou para procurar, ficou difícil não notar o traseiro dela dentro dos jeans desbotados justos. Tinha o formato perfeito de um coração e, embora ela não fosse muito alta, suas pernas pareciam ter quilômetros.

– Ah, aqui está. Cage precisa comprar mais. Ele deve estar deixando os casinhos dele beberem meus Jarritos.

Eu não podia continuar tentando adivinhar. Precisava saber exatamente quem ela era. Certamente não era uma das namoradas dele. Será que era a irmã com quem Preston disse que estava saindo? Eu esperava que não. Eu estava interessado, e fazia algum tempo que não me interessava por ninguém. Não desde que a última garota partira meu coração.

Abri a boca para perguntar como ela conhecia Cage quando o telefone começou a tocar no meu bolso. A garota andou na minha direção e estendeu a mão. Realmente acreditava que era Cage. Baixei o olhar e vi que era ele mesmo.

Ela pegou o telefone da minha mão.

– Oi... Ela é uma idiota egoísta... Eu não posso ficar lá, Cage... Não tive a intenção de deixar o telefone. Eu só estava chateada... Sim, seu novo colega de apartamento é um cara legal. Ele está sendo prestativo... Não, termine o seu encontro. Resolva essa história. Posso esperar... Prometo não voltar... Ela não vai mudar, Cage... Eu a odeio... – A voz dela ficou embargada novamente. – Não, não, sério. Eu estou bem. Só queria ver você... Não. Eu vou embora... Cage... *Não*... Cage... Tá, tá bem.

Ela passou o telefone para mim.

– Ele quer falar com você.

Aquela conversa não tinha sido nem um pouco como eu estava esperando. A garota só podia ser irmã dele.

– Oi.

– Olha, eu preciso que você fique com a Low aí até eu voltar para casa. Ela está chateada, e não quero que ela saia. Dê um desses malditos refrigerantes mexicanos que estão na geladeira. Estão atrás das Bud Lights na gaveta de baixo. Preciso escondê-los das outras garotas que recebo em casa. Todas parecem gostar dessas bebidas nojentas. Ligue a televisão, tente distraí-la. Estou a dez minutos de distância, mas estou vestindo meu jeans neste momento e indo para casa. Só a ajude a se distrair, mas *nem pense* em tocar nela.

– Ah, tudo bem, claro. Ela é sua irmã?

Cage riu ao telefone.

– Não, ela não é minha irmã. Eu jamais compraria bebidas e ligaria de volta para a minha irmã no meio de um ménage. Low é a garota com quem vou me casar.

Eu não tinha resposta para isso. Meus olhos a encontraram parada perto da janela, de costas para mim. Os longos e espessos cachos batiam no meio das suas costas. Ela não tinha absolutamente nada a ver com as garotas com quem Cage costumava se envolver. O que ele queria dizer? Ela era a garota com quem ele ia se casar? Isso não fazia sentido.

– Faça ela ficar aí, cara. Já estou indo.

Então ele desligou o telefone.

Larguei o celular em cima da mesa e continuei olhando para a garota de costas. Low se virou lentamente e me observou por um instante, e então abriu um sorriso.

– Ele falou que vai se casar comigo, não foi? – perguntou ela, rindo baixinho antes de tomar um gole do refrigerante alaranjado com rótulo em espanhol. – Que maluco. Eu não deveria incomodá-lo, mas ele é tudo o que eu tenho.

Ela voltou a afundar no velho sofá verde desbotado, puxando as pernas para baixo do corpo.

– Não se preocupe. Eu não vou embora. Ele destruiria a casa da minha irmã procurando por mim se eu sáísse. Nós duas já temos problemas demais. Não pretendo jogar Cage contra ela.

Fui até a única poltrona da sala e sentei.

– Então vocês são noivos? – perguntei, olhando para a mão dela sem ânimo.

Com um sorriso triste, ela balançou a cabeça.

– De jeito nenhum. Cage tem umas ideias malucas. Não quer dizer que seja verdade só porque ele disse isso.

Ela levantou as sobrancelhas e tomou mais um gole do refrigerante.

– Então você não vai se casar com Cage?

Eu queria muito que ela esclarecesse isso, porque estava incrivelmente confuso e mais do que um pouco interessado nela.

Low mordeu o lábio inferior, e eu percebi pela primeira vez quanto sua boca era carnuda.

– Cage foi meu vizinho quando eu era criança. Ele é o meu melhor amigo. Eu o amo muito, e ele é tudo o que tenho. A única pessoa com quem eu posso contar. Nunca tivemos um relacionamento antes porque Cage sabe que não vamos fazer sexo, e ele tem necessidade disso. Cage também acha que, se a gente namorar antes que ele esteja pronto para casar, as coisas vão acabar mal, e vai acabar me perdendo. Ele tem esse medo irracional de me perder.

Será que ela sabia que aquele cara havia pegado mais de três garotas diferentes naquela semana e estava em um ménage quando ela ligou? Essa jovem era legal demais para Cage.

– Pode tirar essa expressão do rosto. Não preciso da sua piedade. Sei como Cage é. Sei que você provavelmente viu o tipo de garota por quem ele se sente atraído, e eu não tenho nada a ver com elas. Eu não vivo em um mundo de fantasia. Estou bastante inteirada dos fatos.

Ela inclinou a cabeça e sorriu docemente.

– Eu nem sei o seu nome.

– Marcus Hardy.

– Bem, Marcus Hardy, eu sou Willow Montgomery, mas todo mundo me chama de Low. Muito prazer.

– O prazer é meu.

– Então você é amigo do Preston.

Assenti.

– Sim, mas não use isso contra mim.

Ela riu pela primeira vez, e fiquei espantado com o prazer repentino despertado por um som tão simples. Gostei bastante de ouvir aquela risada.

– Não vou usar. Preston não é de todo mau. Ele gosta de usar a beleza para conseguir as coisas, mas estou fora do radar dele. Cage o mataria se ele decidisse lançar aqueles olhos azuis na minha direção.

Cage protegia Willow porque Preston era um conquistador ou só porque ele era homem? Esperava mesmo que ela fosse aguardar até ele estar pronto para sossegar e se casar com ela?

– LOW! – A voz de Cage ecoou quando a porta do apartamento se abriu. Seus olhos foram direto para Willow. – Caramba, fiquei com medo de que você tivesse ido embora. Venha aqui.

Aquele era um lado de Cage que eu nunca vira. Pelo jeito, aquela ruivinha doce mexia com ele de um jeito que nenhuma outra conseguia fazer. Ele a puxou para seus braços, depois se abaixou, pegou a mala esquecida e a levou para o quarto dele, sussurrando o tempo todo.

Se ela não tivesse me dito mais cedo que se recusava a fazer sexo com ele, eu estaria absolutamente furioso com a ideia de vê-lo tocar em alguém tão doce depois de ter acabado de sair da cama com *duas* garotas. Em vez disso, fiquei me remoendo de inveja porque sabia que ele ia poder abraçá-la e ouvir sua voz suave enquanto ela desabafava seus problemas. Cage iria resolvê-los, não eu. Eu havia acabado de conhecê-la. Por que diabo isso me incomodava?

Capítulo 2

WILLOW

Olhei para Cage deitado no chão ao meu lado. Ele tinha conseguido dar um jeito de amontoar alguns cobertores e um travesseiro na noite passada, depois de voltar de seu encontro às duas da manhã. Cheirava a uísque e sexo. Eu não deixava que ele dormisse ao meu lado depois de transar com alguma garota qualquer, aquele maluco. Resisti ao desejo de estender o braço e afastar os longos cabelos pretos dos olhos dele. Eu precisava sair e, se o acordasse, ele não permitiria. Minha irmã estava me esperando para cuidar da minha sobrinha, Larissa. Eu ainda estava furiosa com ela, mas Larissa era um bebê e precisava de mim. Não era culpa dela se a mãe era uma pirralha mimada e egoísta.

Tirei a colcha de cima da cama, levantei-me e cobri gentilmente o corpo seminu de Cage. Ele havia ficado só de cueca na noite anterior, numa tentativa de se livrar do cheiro de cigarro, uísque e mulheres baratas que dominava suas roupas. Não importava que ele ainda estivesse cheirando a tudo isso. O corpo ridiculamente bem definido dele estava sempre dourado. Sua mãe era praticamente indiana, e isso ficava evidente em seus traços. Seus intensos olhos azuis deviam ser a única coisa que ele herdara do pai. Esse era um dos muitos elos que Cage e eu compartilhávamos: pais ausentes.

Minha mala guardava as únicas três roupas limpas que eu tinha no momento. As roupas sujas estavam empilhadas no canto do quarto de Cage em uma cesta de plástico. Eu precisava muito dar uma passada na lavanderia. Peguei uma calça jeans e uma camiseta de beisebol que Cage

me dera e me vesti rapidamente, mas em silêncio. Depois de pentear os cabelos, fechei a mala e atirei as roupas da noite anterior no cesto de roupa suja.

Fechei a porta do quarto atrás de mim com muito cuidado para não acordar e me virei na direção da geladeira. Precisava tomar um café e queria deixar alguma coisa preparada para quando Cage despertasse. Ele precisaria muito disso depois de chegar em casa tão tarde.

– Achei que você tivesse ido embora ontem à noite.

Dei meia-volta e vi Marcus sentado à mesa da cozinha já com um jornal e uma xícara de café nas mãos. Eu gostaria que ele não fosse tão absurdamente incrível. Marcus Hardy não era do meu nível, nem mesmo do mesmo tipo de ambiente. Eu não fazia ideia de como Cage havia conseguido alguém como ele para dividir o apartamento. Preston devia ser muito próximo de Marcus, o que parecia estranho, já que Preston tivera uma infância muito parecida com a minha e com a de Cage.

– Hum, não. Foi Cage quem saiu ontem à noite.

Marcus franziu de novo o cenho daquele jeito desaprovador que eu tinha visto na noite anterior. Ele não entendia o que havia entre mim e Cage. Eu não sabia ao certo se ele julgava a mim ou a Cage, mas isso me incomodava. Ainda que ele tivesse os olhos verdes mais lindos que eu já vira.

– Cage não está aqui?

Balancei a cabeça.

– Não. Ele voltou. Ele recebeu uma, ahn, ligação ontem à noite e saiu. Voltou há algumas horas.

– Então ele deixou você aqui e... saiu.

Suspirei e peguei uma xícara de café.

– É.

– Vou preparar uns ovos e uma torrada. Quer um pouco?

Aquela não era a resposta que eu esperava. Eu tinha certeza de que ele ia detonar a minha história com Cage. Em vez disso, estava se oferecendo para me preparar café da manhã.

– Não, obrigada. Tenho que cuidar da minha sobrinha hoje.

Levantei a caneca de café na minha mão.

– Eu levo canecas cheias de café quando saio, mas sempre as trago de volta.

Marcus deu de ombros.

– Não se preocupe. Elas não são minhas mesmo.

– Eu sei. Dei para Cage quando ele se mudou para cá.

Marcus se levantou, foi até a geladeira e começou a pegar os ovos e a manteiga. Para ser sincera, eu queria era ficar ali vendo-o cozinhar. Seria incrível tomar café da manhã com ele e ver se era capaz de fazê-lo sorrir. Com certeza ele tinha um sorriso bonito. Aqueles olhos verdes provavelmente cintilavam.

– Não pode mesmo ficar? Eu cozinho bem pra caramba.

Marcus estendeu o braço para abrir a gaveta ao meu lado. Senti o aroma de banho recém-tomado misturado com café e alguma outra coisa que me fez lembrar dias quentes de verão. Resisti à vontade de agarrar a camisa dele e inspirar mais profundamente. Ele ia achar que eu era maluca. Sempre achei que o cheiro de Cage quando voltava da comemoração após um jogo vitorioso fosse o melhor do mundo. Mas o suor, a cerveja e os cigarros não podiam competir com o perfume de limpeza de Marcus.

Tudo bem, eu precisava ir.

– Preciso correr. Mais uma vez, obrigada. Outra hora vou aceitar o seu café da manhã. Tenho que chegar na minha irmã antes que ela venha até aqui com a minha sobrinha a reboque.

Marcus franziu ligeiramente a testa. Pareceu preocupado. Se ele ao menos soubesse que esse era o menor dos meus problemas... Imaginei o que ele pensaria se descobrisse que eu na verdade não tinha onde morar. Que o sofá da minha irmã e a cama de Cage eram as minhas únicas alternativas no momento. De alguma forma, soube que ele iria querer dar um jeito nisso, e me senti bem. Balançando a cabeça para afastar minhas ilusões em relação a Marcus, passei por ele e segui para a porta.

– Você vai ficar bem? – perguntou ele quando toquei na maçaneta.

Eu tinha razão. Ele realmente se importava. Mas, pensando bem, caras como Marcus queriam salvar o mundo.

– Vou – respondi, olhando para trás por cima do ombro para lhe dar um sorriso antes de sair do apartamento e seguir para a minha realidade.



– Por onde diabo você andou? Não, não precisa me dizer. Você estava na cama de Cage York de novo. Sabe, você não tem o direito de me julgar enquanto estiver dormindo com aquele galinha.

Mordo a parte interna da bochecha para não gritar. Minha irmã tinha tão pouco envolvimento com a minha vida que não fazia ideia de quanto estava equivocada. Sim, Cage provavelmente era considerado um galinha, mas ele escolhia mulheres gostosas e sensuais para se divertir. Tinha padrões de exigência bem altos. Eu sempre me espantava quando as pessoas achavam que eu era uma de suas conquistas. Eu não combinava nem um pouco com o perfil. Para começar, ele nunca procurava uma garota depois de dormir com ela, mas me mantinha por perto. Em segundo lugar, eu não sou alta o bastante, sou ruiva, tenho os quadris muito largos e os peitos verdadeiros demais. Cage tem uma queda por peitos siliconados. Estranho, mas é verdade. De qualquer maneira, minha irmã era a versão ambulante do tipo de garota que atrai Cage. Ela também tinha os cabelos ruivos, mas eram naturalmente cacheados, e ela era alta e magra. Os cabelos ruivos ficavam melhor nela do que em mim. Ela tornava o ruivo sexy. Eu, nem tanto.

– Estou aqui agora. Vá logo, e pare de falar palavrões e gritar na frente da Larissa. Levei uma semana inteira para fazê-la parar de repetir m-e-r-d-a.

Se eu não me preocupasse tanto que aquela se tornasse uma palavra permanente no vocabulário dela, teria achado engraçado. Sentada na cadeirinha, Larissa jogava um cereal por vez. Toda vez que um caía no linóleo rachado, ela gritava “MERDA”, batia palminhas e fazia de novo. Isso tudo porque minha encantadora irmã berrava “Merda!” quando Larissa deixava comida cair no chão. Então minha sobrinha decidira transformar isso em uma brincadeira.

– Bom, era engraçado. Preciso ir. Ligue para Janet Hall, aquela mulher que está sempre com os rolos amarelos no cabelo e que mora a três casas daqui. Pergunte se ela pode ficar com a Larissa amanhã. Você tem aula, certo?

– Tenho.

Eu detestava deixar Larissa com a mulher dos milhares de gatos. Na última vez em que ficou lá, minha sobrinha chegou com vários arranhões, sem falar que o lugar fedia a cocô. A questão era que eu não podia faltar nem tirar menos do que B em nenhuma disciplina, ou perderia a bolsa. Eu precisava dessa bolsa. Faulkner era uma faculdade comunitária, com um curso de apenas dois anos de duração, e esse era todo o ensino superior que eu iria ter. Depois que a minha bolsa terminasse, eu não poderia continuar estudando. A menos que eu conseguisse um empréstimo estudantil e, levando em consideração que eu não tinha sequer onde morar, isso parecia improvável.

– Tá bem, fui. Não me ligue no celular enquanto eu estiver trabalhando. Se houver algum problema, trate de resolver.

E então ela saiu. Sem nenhum beijo de despedida em Larissa. Eu a odiava por isso mais do que tudo.

Minha mãe havia morrido de câncer quando eu tinha 12 anos, deixando eu e minha irmã sozinhas no mundo. Tawny tinha 18 e ficara responsável por mim. Por sorte, a casa estava paga, graças às economias frugais da nossa mãe. Tawny a herdou, junto com a miserável quantia que restava no banco. Ela concluiu o ensino médio e, em vez de continuar estudando, conseguiu um emprego para pagar as contas. Quando fiquei mais velha, arranjei um trabalho depois da escola para ajudar. Larissa chegara havia pouco mais de um ano, e tudo ficara mais difícil. Tawny me disse que não podia mais me sustentar e que eu precisava arranjar um lugar para mim. Eu não podia pagar um aluguel com meu salário de garçoneiro. Então minha irmã decidiu que, se eu cuidasse de Larissa enquanto ela trabalhava, em troca me deixaria passar a noite sem pagar aluguel. O problema era que eu não podia cuidar da Larissa todos os dias, portanto nem sempre ela permitia que eu passasse a noite lá.

Parece duro, mas a verdade é que era bem provável que o pai de Larissa aparecesse naquelas noites, e ela não queria que eu soubesse quem ele era. Não fosse por aquele segredo, tenho certeza de que ela me deixaria ficar. Fui expulsa por causa de um cara. No começo, eu ia para a igreja metodista, porque eles têm um abrigo para sem-teto, mas, quando Cage descobriu que eu dormia lá porque Tawny não me deixava ficar em casa, ele pirou.

Então agora eu vou para o apartamento dele. Não queria fazer isso por causa daquela ideia maluca dele de que vamos nos casar, mas eu dependo de Cage. Mesmo que às vezes seja possessivo e insano, ele cuida de mim. Ninguém nunca fez isso. Ele gostava de saber que podia cuidar de alguém.

Quando a avó de Cage morreu, ele herdou tudo o que ela havia economizado e escondido dentro do colchão. Cage nem conhecera a mulher, porque a mãe dele tinha fugido de casa aos 16 anos e nunca mais voltara. Fora uma surpresa quando Cage recebeu um cheque de mais de 200 mil dólares. A primeira coisa que Cage fez com o dinheiro foi comprar o apartamento. Imaginava que fosse um bom investimento e queria alguma segurança. Depositou o resto no banco e retirava apenas os juros. Desde que se mudou, vem tentando me fazer ir morar com ele.

– Lowlow sair – exigiu Larissa batendo o punho pequeno e gorducho na bandeja da cadeirinha.

Ultimamente, ela vinha me chamando de Lowlow em vez de “mamãe”. Tawny ficava furiosa quando ela se referia a mim como “mamãe”. Precisei fazer muito esforço para acabar com esse hábito.

– Sim, vou tirar você daí. Mas antes vamos limpar a banana das suas mãozinhas.

MARCUS

– Quando Low foi embora? – resmungou Cage ao sair do quarto uma hora depois de Willow.

Dava para sentir do outro lado da sala o cheiro de uísque no hálito dele. Como ela conseguia dormir perto daquilo?

– Há mais ou menos uma hora.

Ele assentiu e tirou o celular do bolso. Tentei parecer concentrado na tela do meu laptop, e não curioso com o que ele ia dizer para ela.

– Oi, gata, por que você não me acordou?... Ah, qual é. Você sabe que eu acordaria por você... Me desculpa. Eu não devia ter saído... Não, eu não devia. Achei que você estivesse dormindo... Quero que volte aqui esta noite e, por favor, pegue a chave. Está sempre aqui para você. Não gosto de ver você obrigada a ficar com ela, e Deus me ajude se eu descobrir que você voltou para aquele maldito abrigo... Vou atrás de você se

não vier para cá hoje... Eu tenho um jogo esta noite. Quer ir? Prometo ir embora com você depois... Tá, tá bem. Mas venha para cá. Se precisa tanto descansar antes da aula de amanhã, traga essa bunda sexy até aqui e vá para a cama. Prometo que não vou chegar fedendo desta vez.

Cage deu uma risada e desligou o telefone.

– Essa garota vai me deixar maluco, juro para você.

Ergui os olhos da tela do computador. Cage estava se servindo de uma xícara de café.

– Ela tomou café antes de sair?

– Tomou, sim.

Cage assentiu e se recostou no balcão.

– Ela parecia chateada ou cansada?

Low parecia derrotada, mas eu não queria dizer isso para ele. Não por estar preocupado com o sentimento dele, mas porque achava que ela não ia querer que eu fizesse essa observação.

– Ela parecia bem.

Pensei na parte do telefonema em que ele citara um abrigo. Senti o estômago se revirar ao pensar em Willow dormindo em um lugar desses.

– O que você quis dizer com “abrigo”?

Cage disse um palavrão e balançou a cabeça.

– Aquela irmã dela é uma imbecil. Ela basicamente expulsou Low de casa. Não fiquei sabendo quando aconteceu. Então descobri que ela estava dormindo em uma igreja na cidade que tinha uma espécie de abrigo para sem-teto. Fiquei tão furioso que teria sido capaz de matar a irmã dela com as minhas próprias mãos.

– Onde ela mora, então?

Tive a sensação de que não ia gostar da resposta, mas precisava saber.

– Nos dias em que cuida da sobrinha, a irmã deixa que ela passe a noite lá. No resto do tempo, ela vem para cá. Tentei convencê-la a se mudar para o seu quarto, mas ela se recusou. Diz que não consegue dar conta do meu estilo de vida em tempo integral. Só não a pressionei mais porque tenho certeza de que acabaria perdendo-a. Ela veria o bosta que eu sou de verdade, e eu a perderia. Eu não posso perdê-la.

O cara era realmente esquisito. Como ele podia achar que era apaixonado por Willow se não conseguia parar de comer toda garota de pernas

compridas e peitos falsos que aparecia pela frente? Como ele pretendia cuidar dela e a manter em segurança assim?

– Entendi – respondi, embora não tivesse entendido de verdade.

Cage riu e largou a xícara de café.

– Não, duvido que entenda.

Não falei nada, porque ele tinha razão.

A batida à porta me assustou, ainda que eu estivesse esperando por isso havia horas.

No momento em que Cage me pediu para esperar por Willow por volta das sete da noite, comecei a ficar inesperadamente ansioso. Eu teria Willow só para mim. Sabia que não era uma atitude inteligente, mas esperava por isso. Ela me fascinava. Porém, me incomodava demais a ideia de que a irmã a colocara para fora de novo. Mesmo depois que ela tinha cuidado da sobrinha naquele dia.

– E aí, Marcus?

Ela sorriu para mim quando escancarei a porta e recuei um passo para ela poder entrar.

– E aí?

– Espero não estar atrapalhando a sua noite. Você pode me ignorar e continuar o que estava fazendo. Posso me esconder no quarto do Cage se você desejar privacidade ou algo assim.

Nem pensar.

– Não. Na verdade, eu estou precisando de uma companhia. Estava organizando os meus cursos on-line. Queria fazer uma pausa e bater um papo.

Ela abriu um sorriso, e as duas covinhas apareceram.

– Ah, que ótimo! Aluguei um DVD e comprei ingredientes para fazer uma pizza.

Low mostrou a grande sacola de lona em sua mão. Na outra mão, ela segurava a alça da velha mala. Senti o estômago se revirar ao pensar na necessidade dela de carregar suas coisas por aí. E no fato de que uma mala tão pequena continha tudo o que ela possuía. A coleção de maiôs da minha irmã não caberia ali.

– Parece perfeito.

– Você sabe picar legumes?

Arregacei as mangas e flexionei o braço.

– Eu sou muito bom nisso.

Ela deu uma risada e fiquei com a sensação de que havia acabado de mover uma montanha em vez de apenas ter concordado em picar legumes.

Segui-a para a cozinha e apreciei a visão de seu traseiro. Naquela noite, aquelas pernas incríveis não estavam cobertas com jeans. Um short cáqui e uma regata vermelha justa cobriam sua perfeita pele cor de pêssigo. E os cabelos pendiam pelas costas, livres do rabo de cavalo. Aquelas ondas sedosas pareciam quase irreais.

– Muito bem. Sei que tem uma faca decente em uma dessas gavetas, porque trouxe uma para cá há duas semanas. Procure a faca e uma tábua de corte, enquanto eu lavo os legumes.

Comecei a buscar a faca, tentando tirar o sorriso bobo do rosto.

– Quantos anos tem a sua sobrinha?

Eu estava determinado a descobrir mais a respeito dela. A garota era um enigma. Ela olhou por cima do ombro e sorriu para mim.

– Ela fez 1 ano no mês passado.

Abri uma gaveta e encontrei a faca enfiada entre duas capinhas térmicas de lata de cerveja.

– Achei!

– Ah, ótimo. Aqui, comece a fatiar os cogumelos – disse ela, acenando para os cogumelos em cima da toalha de papel, ainda úmidos.

– Sim, senhora.

– E então, está gostando de morar com Cage? Quero dizer, vocês dois não são nem um pouco parecidos, pelo que já percebi.

O que exatamente ela queria dizer com aquilo? Eu não ficava nem um pouco chateado por ela não me achar um pegador, mas evidentemente tinha algum tipo de admiração por Cage.

– Ele é um cara legal. Quase nunca está aqui. É fácil me concentrar nas minhas aulas on-line.

– Cage não fica muito tempo parado. Ele precisa socializar. Sempre foi assim. Quando a gente era criança, ele estava sempre na rua. Muitas vezes entrava de noite pela minha janela, porque a mãe dele o havia trancado do lado de fora.

Eu não conseguia compreender uma mãe que trancava o filho para fora de casa por chegar depois da hora combinada. Meus pais estavam sempre parados à porta, andando de um lado para outro, prontos para me dar bronca se eu chegasse tarde.

– Pare de franzir a testa. – Ela riu e me deu uma cotovelada. – Quase consigo ler seus pensamentos. Você é amigo do Preston, sabe o tipo de vida que ele levava em casa. Bom, a maioria dos garotos do nosso bairro passava pelas mesmas situações.

Forcei um sorriso e foquei minha atenção nos cogumelos.

– Não, claro, quer dizer, eu sei.

Isso não fazia sentido. Willow soltou uma risadinha e começou a sovar a massa. Trabalhamos em silêncio, e eu fiz um esforço imenso para me concentrar nos legumes que deveria estar picando enquanto ela amassava e enrolava a massa. Low tinha os braços magros, mas os pequenos músculos se flexionando enquanto ela empurrava e puxava a massa eram hipnotizantes. Qual era o problema comigo?

– E então? Você voltou para cá porque estava cansado da vida na faculdade ou tem outro grande plano que explique essa súbita mudança de cidade?

Ela não era a primeira pessoa que me perguntava isso. Eu tinha sido bombardeado por todos os meus amigos que sabiam que eu adorava a vida em Tuscaloosa. Eles também sabiam que eu queria me afastar da garota que havia me afetado tanto no verão anterior. Willow foi a primeira pessoa para quem eu desejava contar a verdade, mas ainda era cedo demais.

– Voltei para casa por questões familiares.

Eu estava pronto para que ela me pressionasse mais, como Preston havia feito, mas Willow apenas assentiu e pegou um punhado dos cogumelos que eu havia acabado de fatiar, espalhando em cima da pizza.

– Família pode ferrar com as coisas, né?

Seu tom derrotado me pegou. Não era uma boa ideia puxá-la para meus braços e prometer que tudo ficaria bem, já que eu provavelmente a assustaria. Em vez disso, respondi que sim e estendi a mão para colocar rodela de cebola em cima da pizza, de modo que meu braço roçasse no dela.



– Foi uma das melhores pizzas que comi na vida – admiti depois de ajudá-la a limpar a bagunça que havíamos feito na cozinha.

– Formamos uma boa equipe – disse ela, sorrindo por cima do ombro enquanto colocava o DVD no aparelho.

Sentei na poltrona, deixando o sofá livre para ela. Havia espaço suficiente para nós dois, mas eu não queria que ela se sentisse desconfortável comigo ao seu lado. Willow se virou e franziu o cenho.

– Eu não mordo, Marcus. Você pode vir sentar no velho e aconchegante sofá comigo. Essa poltrona é muito desconfortável.

Era a abertura de que eu precisava. Dei um salto, sentei-me na ponta do sofá e estendi as pernas.

– Não precisa repetir. Eu só estava sendo educado.

Willow riu e trouxe um cobertor. Ela não se sentou na outra ponta, o que me surpreendeu. Em vez disso, ficou bem ao meu lado, distante apenas o suficiente para nossos corpos não se tocarem, e mostrou o cobertor.

– Quer dividir?

– Sim.

Eu não estava sentindo nem um pouco de frio, mas não podia deixar passar a oportunidade de ficar debaixo do cobertor com ela.

– Tudo bem – disse ela, estendendo o cobertor sobre nós dois. – Lá vamos nós.

A sala escura foi iluminada pelo brilho da televisão. O calor do corpo de Willow era muito tentador. Minha vontade era diminuir a distância entre nós e passar os dedos pelos cabelos dela. Desde o instante em que abri a porta para ela na noite anterior e a vi aos prantos, estava morrendo de curiosidade para descobrir se eram tão macios quanto pareciam. Como se lesse meus pensamentos, ela se inclinou na minha direção e apoiou a cabeça no meu ombro.

– Espero que não se importe, mas gosto de me aninhar vendo filmes. Quase engasguei antes de responder:

– Ahn, não. Não me importo.

Embora ela tivesse se aproximado, me obriguei a manter o braço nas costas do sofá, sem tocar os cabelos dela.

– Eu pensei em você quando aluguei o filme e não peguei uma comédia romântica. Você não parece o tipo de cara que gosta de comédias românticas. Escolhi uma ficção científica.

Com ela aninhada em mim no sofá, eu veria até *O diário da princesa*, que eu abominava desde que minha irmã havia me obrigado a assistir repetidamente quando era pequena.

– Ficção científica é bom – garanti, sabendo que não conseguiria me concentrar em nada com aquele cheiro doce de madressilva saindo de seus cabelos.

CONHEÇA OS LIVROS DE ABBI GLINES

ROSEMARY BEACH

Paixão sem limites

Tentação sem limites

Amor sem limites

Rush sem limites

Estranha perfeição

Simples perfeição

A primeira chance

Mais uma chance

Para sempre minha

Kiro e Emily

À sua espera

Ao seu encontro

O último adeus

Pegando fogo

SEA BREEZE

Sem fôlego

Sem escolha

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro, visite o nosso site. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

